

LÍVIA E A “INSTITUCIONALIZAÇÃO” DA MULHER ROMANA

Tais Pagoto Bélo¹

Resumo

Para este trabalho, é fundamental atentar para o que já foi comentado até hoje sobre o patriarcado, averiguando-o no passado romano. Nesse sentido, este artigo tem como intuito realizar um convite ao pensamento e à reflexão acerca da posição da mulher na sociedade antiga, averiguando o caso de Lívia e a hipótese de como ela foi “institucionalizada”. Ela foi esposa de Augusto, mas anteriormente tinha sido casada com Tibério Claudio Nero, com o qual teve Tibério e Druso como filhos. Otávio arranjou o divórcio para ela se casar com ele, o qual estava casado com Escribônia. Ele soube unir uma linha da necessidade de Lívia se mostrar com dotes tradicionais e poder dentro da *domus*, com seu papel ligado às coisas do Estado. Sua posição acabava por ser dúbia, pois era alguém que tinha um papel público, mas não tinha uma posição pública. A presença e a atuação de Lívia poderiam estar atreladas às questões religiosas, as quais serão reportadas neste estudo através de fontes textuais, de autores como Tácito, Dião Cássio e Suetônio, e de fontes materiais, como as moedas.

Palavras-chave

Mulheres romanas; moedas; deusas; patriarcado; público/privado; dominância masculina.

¹ Pós-doutoranda – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: taispbelo@gmail.com.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 79-107.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15475

Abstract

For this work, previous analyses and thoughts on patriarchy by investigating it in the Roman past should be considered. In this sense, this paper aims to invite the reader to the thought and the reflection on the position of women in the ancient society through the investigation of the case of Livia and the hypothesis of how she was "institutionalized". She was the wife of Augustus, but had previously been married to Tiberius Claudius Nero, with whom she had two sons, Tiberius and Drusus. Octavian arranged a divorce for her to marry him, who was married to Scribonia. He knew how to unite a line of Livia's need to show herself with traditional gifts and power within the *domus*, and her role linked to state affairs. Her position turned out to be dubious, since she was someone who had a public role, but did not have a public position. Livia's presence and performance could be linked to religious issues, which will be reported in this study through textual sources from authors such as Tacitus, Cassius Dio and Suetonius, and material sources, such as coins.

Keywords

Roman women; coins; goddess; patriarchy; public/private; masculine dominance.

Introdução

O título deste trabalho evidencia que ele se trata de um estudo sobre a mulher da Antiguidade. Com deveras críticas a respeito desse tipo de tema, é elencado aqui o motivo pelo qual continuar com tais trabalhos. Os estudos sobre as mulheres ou mesmo sobre gênero, em geral, em sua história, sofreram críticas durante seu estabelecimento nas disciplinas humanísticas, na sua continuação e até mesmo na vociferação pelo seu fim atualmente. Tais tipos de estudos não devem ser vistos como uma “moda”, mas, sim, como um novo olhar ou um novo modo de interpretação que as Ciências Humanas deram a esses tópicos no início dos anos de 1980. Esse ponto de vista somente tende a crescer e a se desenvolver, uma vez que as pautas tomadas em relação a esses assuntos são aquelas de “minorias”, as quais ainda não sanaram seus esforços de luta na sociedade contemporânea. A importância do estudo desses tópicos sobre o passado é uma forma de conscientização e aprofundamento acerca da posição e do contraste dos diferentes grupos sociais atuais.

Para este trabalho, é fundamental atentar para o que já foi comentado até hoje sobre o patriarcado. Esse conceito já foi útil para a mobilização política, retratando problemas no que se refere à historicidade da condição feminina. Ele foi importante enquanto distinguiu forças para a manutenção do sexismo, na tentativa feminista de mostrar a subordinação feminina. Contudo, se o patriarcado teve um início, poderia ter um fim. O pensamento feminista procurou no patriarcado a ideia de uma origem, ou seja, quando teria começado a história da opressão sobre as mulheres. As condições colocadas pelo termo poderiam trazer problemas, pois poderiam impedir clarificar as relações de gênero de algum grupo em estudo, uma vez que o conceito já demonstraria uma preexistência de uma dominação masculina em todas as sociedades. Desse modo, ele é criticado em sua generalidade ou universalizando uma forma de dominação masculina situada em diferentes tempos e espaços, além de sempre considerar a diferença física entre os homens e as mulheres como um aspecto universal invariável (Piscitelli, 2002: 15-16).

Consequentemente, para se pensar o patriarcalismo no passado romano, em que os pressupostos de gênero foram fundamentais para a construção da base daquela sociedade, com dispositivos que confirmaram um patriarcalismo estrutural, é fundamental construir uma racionalização de acordo com suas semelhanças e divergências com o patriarcalismo atual. Tais patriarcalismos apresentam contingências temporais atenuantes diferentes, que não deveriam ser confrontadas, contudo, a reflexão entre os dois é primordial. Isso posto, este artigo tem como intuito um convite ao

pensamento e à reflexão sobre a posição feminina na sociedade antiga, ao averiguar a mulher no passado romano através de Lúvia e a hipótese de como ela foi “institucionalizada”².

Lúvia (59/58 a.C.-29 d.C.) foi esposa de Augusto (27 a.C.-14 d.C.), mas anteriormente tinha sido casada com Tibério Cláudio Nero, com o qual teve Tibério (42 a.C. - 37 d.C.) e Druso (38 a.C.-9 d.C.) como filhos (Tac. *Ann.* 5.1). Otávio, que era casado com Escríbônia, arranhou o divórcio de Lúvia para ela se casar com ele. No primeiro casamento, Otávio teve Júlia como filha. Essa união foi caracterizada como de estratégia política, mas foi um desgosto e somente durou um ano (Barrett, 2002: 20).

Otávio raptou Lúvia enquanto ela estava grávida de seu filho com o então marido, Tibério Nero (Tac. *Ann.* 5.1), amando-a e estimando-a de maneira singular e constante. Ela, que não teve filhos com Otávio (Suet. *Aug.* 62.1), pertencia a uma família distinta, da *gens Claudii*. Seu pai, Marco Lúvio Druso Cláudio, foi adotado pela *gens Livii*, sugerindo que seu pai adotivo tenha sido Druso. Além disso, acabou sendo um tribuno da plebe (Tac. *Ann.* 5.1). Por conta de seu pai, Lúvia adquiriu o cognome de Drusila e sua descendência ajudou Otávio a fortalecer seus laços com famílias distintas de Roma. O primeiro marido de Lúvia, Tibério Nero, nomeou Augusto como tutor de seus filhos com Lúvia antes de sua morte em 32 ou 33 a.C. (Barrett, 2002: 8; 22; 27).

A grande prosperidade de Lúvia, devido à sua posição eminente como esposa e mãe de imperador, resultou em um amplo poder, tanto para questões políticas quanto para ela exercer a atividade de patronato, visto que passou a ser conhecida por suas construções públicas e atos filantrópicos (Hemelrijk, 1999: 108). Consequentemente, ela foi a mulher da família Júlio-Cláudio mais bem representada e seu nome apareceu em portos, mercados e até santuários, além de ter tido sua imagem estampada em moedas. A presença da figura de Lúvia nessas comemorações não possui precedentes. Tudo isso demonstra que ela tinha uma “carreira” como esposa de Augusto e sugere que ela apresentava um senso político acurado, levando-a a um considerável poder e influência (Zager, 2014: 54-57). Lúvia, assim como Otávia, irmã de Otávio, era um modelo de matrona romana a ser seguido, evidenciado através da maternidade, da fidelidade, da *pudicitia* e da prosperidade, tornando-se um símbolo e uma figura social de influência política. De acordo com a leitura de Harvey (2020), Dião Cássio e Tácito a indicam como a “primeira senhora do Império romano”, pois Lúvia foi promovida através da mídia

² Este termo foi colocado entre aspas ao longo do texto para um efeito didático, pois essa “institucionalização” não é evidente e não é comentada nas fontes escritas.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 79-107.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15475

visual como o membro feminino mais importante da família imperial (Harvey, 2020: 2; 8).

O público e o privado para Lúvia

Augusto soube unir uma linha da necessidade de Lúvia se mostrar com dotes tradicionais e poder dentro da *domus*, com seu papel ligado às coisas do Estado. Isso deve ter sido difícil de se fazer, pois mulheres desse período apenas poderiam influenciar seus maridos em assuntos concernentes à família, mas com a emergência da *domus Augusta*, os assuntos de família e Estado foram inextricavelmente unidos (Barrett, 2002: 130). Para essas tarefas, Lúvia deveria ter recebido excelente educação, o que pode ter dado virilidade ao seu poder racional. Consequentemente, para tais mulheres havia um impedimento à plena participação delas na vida intelectual e política (Hemelrijk, 1999: 87-88).

Autores como Tácito apontam Lúvia como responsável por vários crimes (Tac. *Ann.* 6.2). Dião Cássio afirmava que ela limpava o caminho para seus filhos (Cass. Dio, *Roman History* 60. 5. I), além de executar papéis políticos e públicos que ultrapassavam os limites femininos, como se compartilhasse poderes com Tibério (Cass. Dio, *Roman History* 57. 12. 1-6). Suetônio declarava que ela clamava por igualdade junto ao papel de governante de seu filho (Suet. *Tib.* 50.1) e Tácito dizia que ela tinha falta de autocontenção (Tac. *Ann.* 1.4.5).

Entretanto, ela soube viver de acordo com o sistema constitucional romano, sem criar inimigos identificáveis, demonstrando o que era esperado da mulher de Augusto, ou seja, dignidade com majestade, além de modéstia e virtudes domésticas. Sua posição acabava por ser dúbia, pois era alguém que tinha um papel público, mas não uma posição pública. Ela era uma pessoa que deveria dominar a esfera privada, na expectativa de representar valores domésticos e a moral de um cidadão. Ela era a silenciosa esposa obediente nos bastidores, nunca na vanguarda (Zager, 2014: 54 - 57), uma vez que Augusto não a promoveu, dando proeminência à irmã dele, Otávia, devido à rivalidade com Marco Antônio durante o segundo Triunvirato (Harvey, 2020: 1).

Ao longo do governo do seu filho Tibério (Barrett, 2002: x), a posição de Lúvia se tornou mais ambígua, devido aos títulos que ganhou e por adquirir alguns privilégios concedidos apenas para as Virgens Vestais. Essa ambiguidade poderia estar relacionada a uma polarização social estabelecida na interpretação da Vestal e da mulher casada, a qual foi

criada de acordo com a estruturação da sociedade, que gerou todo um repertório de condutas e de experiências religiosas femininas (Chartier, 1995: 41).

Depois da morte de Augusto, no governo de Tibério, grande parte da dignidade cerimonial de seu marido passou para ela. Dessa forma, como Júlia Augusta, ela esteve na direção da *gens Iulia* e do culto de deificação de Augusto. Além disso, ela passou a ocupar uma posição de suma importância no Estado, mas isso não ocorreu rapidamente. Antes da morte de Augusto, durante o Principado, ela compartilhou as honras junto ao seu marido, tendo estátuas erigidas, administrando suas propriedades e sendo dotada da sagrada inviolabilidade. Com Augusto, ela também teve o privilégio de jantar no templo de Concórdia. Sua influência na corte era como a de qualquer embaixador de Augusto. O fato de ela compartilhar da imagem de “dignidade cerimonial” do culto do imperador, claramente, a demonstra em um culto de honra e tributos de natureza divina, que foi oferecido a ela e permitido que aceitasse. As honras a ela se iniciaram no começo do Principado e continuaram até depois de sua morte, assim como seu culto, que se estendeu do início do Principado até a dinastia Antonina (Grether, 1946: 222-223).

Como viúva e sacerdotisa do novo *divus*, Lívia esteve no foco público, principalmente logo após a morte e a consagração de Augusto. Ela planejou um novo templo para Augusto e instituiu o *Ludi Palatini* em honra de seu marido, além de que a data do aniversário de seu casamento passou a ser feriado público. Moedas que comemoravam a consagração de Augusto tinham em seu reverso uma figura feminina com uma *patera* e um cetro, com o intuito de demonstrar uma sacerdotisa do seu culto (Grether, 1946: 235-236).

Além de deixar dois terços de sua herança para Tibério e o restante para Lívia (Cass. Dio, *Roman History* 56. 32. 1), foi da vontade de Augusto que Lívia fosse adotada pela *gens Iulia* para receber o título de “Augusta” (14 d.C.) (Cass. Dio, *Roman History* 56. 46. 1). Otávio tinha recebido seu cognome “Augusto”, em 27 a.C., com sua poderosa associação religiosa como uma alternativa para o nome “Romulus”. Em 14 d.C., o nome adquiriu força de título, como César, o qual o suportou como *princeps* (Barrett, 2002: 151). Além disso, a *gens Iulia* fazia parte dos tempos mais remotos do povo romano e seus descendentes estavam vinculados à deusa Vênus, através de seu filho Enéias e, conseqüentemente, de seu filho Júlio, quem deu o nome a *gens* (Barrett, 2002: 150), marcando, dessa maneira, a religiosidade atrelada ao *status*, posto que essa titulação indicava sua natureza sagrada e seu caráter religioso (Martins, 2011: 75). Para uma

mulher da família imperial, o título indicava uma nova estrutura política, sendo que nos dois primeiros séculos ele foi utilizado como adereço dinástico e como um título para mães de imperadores, quando o filho prosperava (Temporini, 1978: 23-34; 44; Perkouning, 1995: 131; Flory, 1998: 115; Barrett, 2002: 152).

O título de Augusta poderia ter conferido um atributo imperial, político e de poder, que poderia ter feito de Lúvia uma companheira de governo de Tibério (Barrett, 2002: 153) ou uma rival, somando às suas virtudes domésticas as de continuidade dinástica, harmonia e estabilidade ao próprio Estado. Essa foi a primeira vez que um título masculino foi transferido para uma mulher, o que fez com que Lúvia fosse honrada e aludida a um alto *status* social (Flory, 1988), sendo que esse título apareceu em moedas nas línguas grega e latina e esteve cada vez mais frequente em inscrições. Possivelmente, o título tenha sido o desejo de Augusto em fortalecer Tibério, até pelo fato de Tácito deixar claro que tanto Lúvia quanto Tibério eram seus herdeiros, além de Augusto, em vida, ter pedido duas vezes para o Senado conceder poderes tribunários a Tibério (Tac. *Ann.* 1. 8; 10), e ainda pelo possível fato de que Augusto poderia ter visto em Tibério um governante fraco ou rebelde, que teria sido contra seu próprio sistema imperial, atribuindo à sua mãe papéis públicos para ajudá-lo em seu poder.

Por outro lado, a presença de Lúvia e a não predileção de Tibério como governante eram, possivelmente, sentidas em uma dimensão de sua masculinidade, a qual deveria ser sempre provada (Kimmel, 2016: 102). Contudo, a presença da mãe comporia um governo impotente e a negação por honras atribuídas à Lúvia seria a tentativa de manter a dignidade diante do jogo entre os homens. Barrett (2002) salienta que Tibério recusou o título de Augusto, mas continuou a ter o direito de utilizá-lo (Barrett, 2002: 152), o que sugere que este poderia ter sido um outro motivo pelo qual Augusto teria passado o título à Lúvia, para garantir a sucessão dinástica e para que, mais cedo ou mais tarde, Tibério pudesse utilizá-lo.

Provavelmente, a esfera pública que Lúvia tomou parte seria uma arena em que a masculinidade era testada e provada, ou seja, um espaço em que tensões entre os homens e, agora, entre uma mulher e entre diferentes grupos de homens eram ponderadas através de significados. Essas tensões sugerem que as definições culturais de gênero eram exauridas em um terreno disputado e definidas em si como relações de poder (Kimmel, 2016: 104). Na Roma antiga, principalmente para o imperador, deveria ser considerada, de forma conscientemente simbólica, para esse papel, uma hegemonia da masculinidade, que seria o homem no poder, um homem

com poder e um homem de poder, ou seja, aquele que seria forte, vencedor, conquistador, capaz, confiável e no controle, uma vez que ele possuía o poder sobre outros homens, sobre as mulheres e sobre as crianças. Contudo, o homem romano deveria acumular símbolos culturais que denotariam uma masculinidade, signos que deveriam ter sido adquiridos, os quais também enquadrariam os padrões utilizados contra as mulheres para impedir suas inclusões na vida pública e suas manutenções na desvalorizada esfera privada (Kimmel, 2016: 105). No entanto, a aristocrática e dinástica forma de governo de Roma deu à família uma estrutura centralizada do sistema político, que tendia a desfocar a distinção entre o privado e o público (Hallett, 1984; Wood, 1988: 409), a qual poderia ter sido, na realidade, muito mais complexa depois de posicionamentos femininos como o de Lúvia.

Mesmo com toda a divergência entre mãe e filho, Lúvia assegurou que seu filho fosse um potente exemplo para suceder a Augusto, fazendo com que seu marido o adotasse. Entretanto, o título de Augusta também poderia estar mais ligado ao fato de Augusto a elevar a uma igualdade com o imperador e parece que foi dessa forma que o Senado a interpretou, acabando por lhe conceder privilégios extraordinários. Conseqüentemente, foi votado que um altar seria erigido em homenagem à adoção de Lúvia pela *gens Iulia*, além de que ela receberia o título de *mater patriae*, e teria sido sugerido que Tibério receberia o título de *filius Iuliae*. As honras a Lúvia parecem também ter irritado autores como Tácito, que menciona a existência de uma grande bajulação a ela, o que resultou em um pedido do imperador de que houvesse um limite às honras pagas para uma mulher. Tibério também não deixou um *lictor* ser atribuído a ela e proibiu a construção de um altar em memória de sua adoção, além de qualquer outra atribuição de distinção a ela (Tac. *Ann.* 1.13). Em outras palavras, Dião Cássio menciona que ela ganhou o *lictor* por ser declarada sacerdotisa do culto de Augusto (Cass. Dio, *Roman History* 56. 46. 2; Barrett, 2002: 161). Contudo, Tibério desencorajou o estabelecimento de cultos para pessoas vivas, mas em algumas províncias ele tentou regulamentar seu próprio culto (Grether, 1946: 233-234).

Ademais, Augusto poderia ter tido a ideia de que sua família fosse o império, como algo único, um pensamento que não deixaria de enaltecer Lúvia, colocando-a em atividades públicas e benevolentes que evidenciavam a união de toda a família imperial com o resto do império. Entretanto, com ideias preconcebidas sobre a mulher romana, esse ideal não vingou, na medida em que as tensões de poder e gênero já se mostravam fortes durante o governo de Tibério. Isso ocorreu, pois em uma sociedade patriarcalista a virilidade, em seu aspecto ético, enquanto

quididade do *vir, virtus*, revela uma questão de honra, que leva o homem a querer vivenciar tudo o que estaria relacionado ao princípio da conservação e do aumento da honra, que é indissociável da virilidade física, relacionada à potência sexual (Bourdieu, 1998: 20).

Na sociedade romana, havia uma diferenciação sexual que estabelecia um vínculo entre o falo e o *logos*, ou seja, o corpo masculino fazia parte dos usos do público e do ativo, bem como tomava-se a palavra publicamente, ações que eram monopolizadas pelos homens. Nessa perspectiva, esperava-se que a mulher fosse mantida afastada dos lugares públicos ou renunciasse às atividades públicas e até ao uso público do próprio rosto, além de não usarem suas palavras. As relações antagônicas, como as da elite da sociedade romana, resultavam sempre em relações de dominação, em que as práticas e as representações dos dois sexos não eram, de maneira alguma, simétricas. Destarte, as relações sociais de dominação nesse tipo de sociedade se encarnavam em um *habitus* claramente diferenciado (Bourdieu, 1998: 26 – 34), em que estava sempre presente o risco de investir na diferença entre os sexos, impulsionado por uma força explicativa universal (Chartier, 1995: 39).

A religiosidade

Deve-se ter em mente que os pressupostos de gênero são os que criam grandes problematizações sociais, e, no caso romano, estavam presentes na base da formação da sociedade, com dispositivos para a existência de um patriarcalismo estrutural, os quais foram especialmente delineados por conta de três bases: o discurso, que envolveria o discurso educacional, familiar e, principalmente, o religioso, o qual parece ter influenciado os outros dois primeiros; o histórico, considerando os “mitos de origem”, como o estupro de Reia Sílvia, o rapto das Sabinas, o estupro de Lucrecia e o intuito do estupro de Vergínia, uma vez que a “história” foi tomada como experiência; por fim, o jurídico, que se formou de acordo com as normas religiosas e como consequência de eventos históricos, que deixaram entender que as mulheres deveriam ser protegidas de alguma maneira, resultando em leis como a *lex Iulia de adulteriis* e a *ius (trium) liberorum*.

O discurso religioso era essencial para a sociedade romana, posto que a esfera divina deveria estar de acordo com a humana. A *pax deorum* e a *pax hominum* estavam no centro do entendimento da religião romana. Os rituais e cultos eram fundamentais à manutenção do sucesso de Roma. Quando Roma tinha problemas, eles eram tratados pela esfera religiosa e a reintegração da *pax deorum* e da *pax hominum* era crucial. Contudo, quando

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 79-107.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15475

uma mulher ou uma Vestal se comportava de forma inapropriada, o sistema romano poderia quebrar e a resolução envolveria uma ação político-religiosa da elite, do Senado e dos sacerdotes (Takács, 2008: 90).

A presença e a atuação de Lúvia no governo de Tibério poderiam estar atreladas a questões religiosas, visto que era notável que, em caso de crise ou de um governo fraco, como o de Tibério, era delegada a presença religiosa das mulheres para acalmar a ira divina. Em tais circunstâncias, os dirigentes masculinos, os religiosos e os políticos recorriam às matronas para acalmar os deuses através de presentes, espetáculos e procissões femininas. Nesses momentos, confiava-se nas mulheres para conseguir a recuperação da estabilidade social e política (Cid López, 2011: 62-63).

Em Roma, quando as mulheres desejavam intervir na política, elas o faziam dentro de atividades religiosas, pois poderiam sair de suas casas para assistir cerimônias religiosas, honrar divindades em determinadas datas do ano, além de que em momentos de crise os homens recorriam a elas para honrar as divindades com mais afinco, o que dava importância política às atividades religiosas e às deidades femininas, constituindo, assim, as mulheres “piedosas”, cuja idealização serviu para moldar as normas jurídicas (Cid López, 2011: 61). Com esse ideal feminino, era compreensível que as atividades públicas elegidas para Lúvia tivessem sido atreladas ao espaço religioso.

Segundo Barrett (2002), a restauração do santuário de Bona Dea e o título de sacrossanta que Augusto concedeu a ela e a sua irmã, Otávia, evidenciam a ligação de Lúvia com rituais Vestais. Durante a República, as mulheres não tinham poderes políticos, mas tinham poderes sociais, econômicos e religiosos. Durante a vida de casadas, elas também tinham o sacerdócio e os ritos públicos, dos quais poderiam participar homens e mulheres da elite. As cerimônias religiosas das quais faziam parte na esfera pública eram ritos que aconteciam em favor de Roma e do império. Dentro desses papéis de sacrossantas, as mulheres reforçavam o estabelecimento da ordem. Os afazeres femininos privados, como a procriação e a educação dos filhos, eram projetados na esfera pública por meio de cerimônias religiosas executadas pelas matronas e pelas Vestais. Desse modo, muitos desses rituais preconizavam o ciclo da agricultura, o qual era importante porque considerava a fecundidade e a continuação da vida. Na realidade, as mulheres faziam a manutenção de Roma através da religiosidade, tendo os rituais como cruciais para o mantimento do Estado, sendo importantes para executar tais cultos dentro e fora de Roma. Entretanto, a emergência de uma República imperialista e depois o império mudaram os papéis delas, principalmente na elite romana (Takács, 2008: xix-xx). Tais mulheres

passaram a estar atreladas a religiosidade, o que se diferenciava de uma atuação direta na esfera pública.

Nessa perspectiva, para adquirir um cargo público ou para levantar a hipótese de uma possível “institucionalização” das mulheres romanas, como Lúvia, elas precisaram ser associadas a um *status* que poderia representar e guardar um aspecto ligado a *pudicitia*. Esse fato afirma uma tentativa de controle e até de limite do Estado e do imperador diante das ações femininas, indicando a existência de um poder masculino controlador, mediado pela agência de uma estrutura de pensamento articulada e construída ao longo da história e de fatos, que se amalgamaram culturalmente e que ajudaram a moldar uma concepção restrita às mulheres da elite dessa sociedade, resultando no agenciamento de concepções, ações e ideias culturais para a manutenção de certas relações de poder e gênero.

A hipótese de que Augusto queria transmitir a ideia de que a família imperial seria o império poderia ter feito com que Lúvia estivesse atrelada a serviços públicos, principalmente como benfeitora. Essa mesma ideia poderia ter sido absorvida e concretizada pelo Senado, que, numa tentativa de continuar o ideal de Augusto, votou pela concessão de vários títulos a Lúvia depois da morte do governante. Sendo assim, mesmo negando a ela alguns títulos, seu filho Tibério, que era resistente ao trabalho “institucional” e público dela, precisava do Senado para governar. Esse fato pode ter o feito aceitar a concessão de alguns privilégios à sua mãe, de modo que não o afetasse, principalmente se ela estivesse ligada às atividades Vestais. Tal ação resultou em uma estratégia política que possivelmente demonstrou a altivez da família imperial para preservar os ânimos senatoriais.

Por fim, Lúvia ganhou o privilégio *ius (trium) liberorum*, que só foi concedido a ela por causa da morte de seu filho Druso. Três outros privilégios Vestais foram concedidos a ela depois da morte de Augusto: o *lictor*, em 14 d.C.; o *carpentum*, em 22 d.C.; e o direito de sentar-se nas cadeiras baixas do teatro, em 23 d.C. (Barrett, 2002: 143–144).

Moedas de Lúvia

As primeiras mulheres romanas a serem representadas em moedas apareceram com características ou personificações de deusas e foram diferenciadas como mulheres mortais devido a alguns elementos, como o tipo de cabelo, o que pode ser visto nas moedas de Fúlvia e Lúvia, mas não

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 79-107.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15475

nas de Otávia. As moedas mostram como os romanos associavam Lúvia à religiosidade.

Aos 80 anos, em 22 d.C., Lúvia ficou muito doente e, para sua recuperação, o Senado decretou oferendas e jogos para a sua graça, o que a levou, simultaneamente, a ser representada em moedas como *Salus Augusta*, ou seja, a personificação do bem-estar. Para Barrett (2002), a alusão a *Salus* para representar o bem-estar de Lúvia é indireta, uma vez que o estudioso aponta que abstrações femininas, como *Salus* ou *Pietas* (piedade, virtude), modificadas por *Augusta*, não se referem a Lúvia, mas a uma relação da personificação abstrata com a casa de Augusto. A associação com *Salus* tem uma longa história, posto que em 16 a.C. moedas de Augusto celebravam votos tirados da *Salus* do Imperador, que foi identificada como a *Salus* da República, de modo que juramentos foram feitos por *Salus Augusti*. Houve também um culto a *Salus* de Augusto durante sua vida (Barrett, 2002: 93).

Entretanto, a personificação de Lúvia como *Salus Augusta* pode estar atrelada não só à sua saúde, mas também às suas atividades religiosas, uma vez que *Salus* pode estar conectada com a deusa *Bona Dea*, à qual Lúvia foi muitas vezes associada, além de ter restaurado seu templo. Várias estátuas de Lúvia com a cornucópia lembram as estátuas de *Bona Dea*. Além disso, segundo Takács (2008), a base de uma pequena estatueta de uma mulher sentada conecta *Bona Dea* com Hígia, deusa da saúde, que aparece frequentemente como consorte de Asclépio. Sendo assim, *Salus*, que estava atrelada ao significado de saúde corporal, era a equivalente latina da deusa grega, Hígia (Takács, 2008: 102).

A série de moedas de Lúvia como a personificação de *Salus*, segundo Harvey (2020), foi uma das primeiras a ser cunhada por Roma com sua face, visto que em várias outras províncias ela foi cunhada de forma similar (Harvey, 2020: 4 - 8), copiando o estilo e o padrão, não só de Lúvia como *Salus*, mas também de outras séries em que ela vem personificada como *Pietas* e *Iustitia*, como fez as casas de moeda de Thessalonica e Amphipolis (Harvey, 2020: 114). Dessa forma, sabe-se que, no mesmo ano da moeda de Lúvia como *Salus Augusta*, foi feita uma dedicatória de *Pietati Augustae* em moedas, as quais trouxeram a legenda *Pietas*, junto com sua imagem idealizada, que às vezes aparecia como *Iustitia* (Grether, 1946: 236-237).



Figura 01: Dupôndio de Livia ou Júlia Augusta como Salus, com o rosto voltado à direita, cunhada em Roma, datada de 22 - 23 d.C., durante o Império romano, de bronze, com 28 mm de diâmetro, peso de 14,06g, cunhada durante o governo de Tibério, 14 - 29 d. C. Legenda: SALVS AVGVSTA; Legenda do reverso: TI CAESAR DIVI AVGVSTI F AVGVSTVS TR POT XXIII/S C (Tiberius Caesar Divi Augustus Fili Augur Pontifex Maximus Tribunicia Potestate Vicesimum Quartum = Tibério César Augusto, Filho do Divino Augusto, Auguro, Maior Sumo Pontífice encarregado do Vigésimo Quarto Poder Tribunário³); Legenda maior do reverso: *S(enatus) C(onsultum)* (cunhada pelo consentimento do Senado⁴).⁵ © The Trustees of the British Museum.

Nesse dupôndio de Livia como Salus Augusta, sua imagem aparece só no anverso da moeda, o lado mais importante do objeto, sem indicação do imperador. Entretanto, a correlação com o imperador apenas se mostra na legenda do reverso, evidenciando Livia como a mais importante figura naquele momento. Segundo Harvey (2020), havia outra moeda com uma figura feminina sentada, cunhada anteriormente, no tempo de Augusto, que parece ser Livia (Harvey, 2020: 121) e surge atrelada a ela em outros governos.

Barrett (2002) defende que o Senado fez um gesto adicional ao honrar Livia durante o ano em que esteve doente, concedendo atenção aos filhos da *pietas* dela, um conceito romano que envolveu uma responsabilidade tanto aos deuses quanto à família. Foi votada a construção da *Pietati Augustae*, referida também como o Altar de *Pietas Augusta* (Barrett, 2002: 94).

³ Tradução nossa.

⁴ Tradução nossa.

⁵ Número de registro: R.6361. Referência bibliográfica: RIC1 47: 97; RE1 83: 131. Catálogo C&M: RE1, 131: 83. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1202443&partId=1, acessado em: 10/11/2019.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 79-107.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15475



Figura 02: Dupôndio⁶ com o busto velado e com um diadema na cabeça de Livia como *Pietas*, olhando à direita, datada de 22 - 23 d.C., cunhada durante o governo de Tibério, com anuência do Senado, S C (*Senatus Consultum*), com legenda menor: DRVSVS CAESAR TI AVGVSTI F TR POT ITER (*Drusus Caesar Tiberii Augusti Filius Tribunicia Potestate Iterum* = Druso César, filho de Tibério Augusto, com poder tribunício pela segunda vez⁷).⁸ Cortesia do *Classical Numismatic Group, Inc.*

Consequentemente, o Senado providenciou a cunhagem de uma série de dupôndio, em que Livia está representada como *Pietas*. Ela aparece com a cabeça velada e um diadema, demonstrando aspectos ligados a *pudicitia* e a Vesta, honrando seu papel de matrona romana, sem a presença masculina, mas com a referência ao filho de Tibério, Druso, no reverso. Segundo Harvey (2020), o reverso dessa moeda de *Pietas* traz o título de Druso, o Jovem, filho de Tibério e seu sucessor, enquanto o reverso da moeda de *Salus* e de *Iustitia* traz o título de Tibério (Harvey, 2020: 165). Acrescenta-se também que, nessa série de moedas de Livia como *Pietas*, ela está associada ao seu papel como sacerdotisa do culto de Augusto (Harvey, 2020: 187).



⁶ Referência: RIC I 43, *Corpus Nummorum Romanorum VIII*.

⁷ Disponível em: <https://en.numista.com/catalogue/pieces247290.html>, acessado em 13/10/2022.

⁸ Disponível em: <https://www.acsearch.info/search.html?term=Livia&category=1&en=1&de=1&fr=1&it=1&es=1&ot=1&images=1¤cy=usd&order=0>, acessado em: 05/09/2020.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 79-107.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15475

Figura 03: Dupôndio⁹ de orichalcum¹⁰, cunhada em Roma, de 21 - 22 d.C., durante o governo de Tibério. No anverso, encontra-se o busto de Lúvia, como *Iustitia* (legenda), com uma tiara (*stephane*, que é um atributo divino¹¹); e, no reverso, encontra-se a legenda menor: TI CAESAR DIVI AVG F AVG P M TR POT XXIII (*Tiberius Caesar Divi Augustus Fili Augur Pontifex Maximus Tribunicia Potestate Vicesimum Quartum* = Tibério César, filho do divino Augusto, Auguro, grande pontífice com o vigésimo quarto poder tribuniciano¹²), legenda maior: S C (*Senatus Consultum* = cunhada com anuência do Senado).¹³ Cortesia do *Heritage Action, HA.com*.

Outra série feita em homenagem a Lúvia foi a de dupôndio, do governo de Tibério, datado de 21 - 22 d.C., em que ela está personificada como *Iustitia*. O objeto caracterizou-se como uma forma de homenageá-la por seus atos de ajuda, que possivelmente estariam ligados à sua atividade de patrona, além de garantir uma ligação com o governo de Tibério, pela legenda do reverso, evidenciando a marca da anuência do Senado e do imperador, ao demonstrar uma harmonia familiar, herança dinástica relacionada a Augusto.

Barrett (2002) acentua que deve haver um cuidado na interpretação de figuras como *Salus*, *Iustitia* e *Pietas*, que poderiam refletir a aparência de Lúvia. Para o estudioso, a figura feminina de *Salus*, com o nome *Augusta*, não teria uma ligação específica com Lúvia, pois *Salus* possuiria elementos personalizados idiossincráticos. Fora de Roma, a moeda de *Salus* era usada como um tipo de retrato de Lúvia, mas isso não prova que era um registro exato de sua aparência, apesar de refletir suas características (Barrett, 2002: 104). Representações dessas mulheres na Antiguidade muitas vezes não elucidavam de forma correta a sua aparência, porém alguns elementos se repetiam de formas precárias ou boas de representações, os quais podiam caracterizar certas pessoas, não importando sua qualidade (Harvey, 2020: 119).

Nesse mesmo ano, 22 d.C., outra série de moedas que se referia a Lúvia foi cunhada em Roma e mostrava um *carpentum*, que era composto por uma

⁹ Número de referência: RIC 46

¹⁰ Um metal amarelo valorizado nos tempos antigos, provavelmente uma forma de latão ou liga semelhante (Lexico, powered by Oxford), disponível em: <https://www.lexico.com/en/definition/orichalcum>, acessado em: 05/09/2020.

¹¹ A coroa ou tiara confere a distinção de Lúvia e está ligada a deusas como Hera/Juno e Afrodite/Vênus (Harvey, 2020: 137).

¹² Tradução nossa.

¹³ Disponível em <https://coins.ha.com/itm/ancients/roman-imperial/tiberius-ad-14-37-orichalcum-dupondius-1385-gm-/a/231446-62053.s?ic16=ViewItem-BrowseTabs-Auction-Archive-ThisAuction-120115>, acessado em: 05/09/2020.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 79-107.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15475

carroça com duas mulas, utilizada pelas Vestais para atividades públicas. Nela, aparece a legenda S.P.Q.R. IVLIAE AVGVST(AE), relativa ao *supplicatio*, de modo que o Senado decretou a Livia o direito Vestal de uso do *carpentum*, bem como ela acabou ganhando uma celebração pública em Roma pelo dia do seu aniversário (Grether, 1946: 236-237). A permissão do uso do *carpentum* aconteceu em 22 d.C., quando ela se tornou sacerdotisa do deificado Augusto e, conseqüentemente, teve a concessão para se sentar no teatro das Vestais (Tac. *Ann.* 4.16.4; Wood, 1999: 82; Winkler, 1995: 53-54), compondo seu caráter de modéstia, *pudicitia*, mãe e com virtudes femininas (Harvey, 2020: 186).



Figura 04: Sestércio¹⁴ de liga de cobre, datado de 22-23 d.C., cunhado em Roma, durante o governo de Tibério. Em seu anverso, há um *carpentum* voltado à direita com duas mulas, com legenda: SPQR/IVLIAE/AVGVST(ae) (*Senatus Populusque Romanus Iuliae Augustae* = O Senado e o Povo Romano para Júlia Augusta¹⁵); e, no reverso, há uma legenda maior, S C (*Senatus Consultum* = pelo consentimento do Senado) e uma legenda menor, TI CAESAR DIVI AVG F AVGVST P M TR POT XXIII (*Tiberius Caesar Divi Fili Augustus Pontifex Maximus Tribunicia Potestate Vicesimum Quartum* = Tibério César, Filho do Divino Augusto, Grande Pontífice investido com o Vigésimo Quarto Poder Tribuniciano¹⁶).¹⁷ © The Trustees of the British Museum.

Esse Sestércio com o *carpentum* no anverso, junto com o nome de IVLIAE AVGVSTA(ae), demonstra um respeito Vestal à personagem, uma vez que esse tipo de carruagem era apenas utilizado pelas Virgens Vestais, revelando um aspecto religioso à imagem de Livia. Segundo Harvey (2020), essa moeda é uma das poucas cunhadas em Roma, como aquela em que ela está representada como *Salus Augusta*, tendo também a função de homenageá-la, o que demonstra seu privilégio em andar em um *carpentum* (Harvey, 2020: 160). Harvey (2020) declara que ela estaria cruzando normas

¹⁴ Número de referência: R.6358. Referências bibliográficas: RE1 / Coins of the Roman Empire in the British Museum, vol. 1: Augustus to Vitellius (77: 130), RIC1 / The Roman Imperial Coinage, vol. 1 (51: 97)

¹⁵ Tradução nossa.

¹⁶ Tradução nossa.

¹⁷ Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_R-6358, acessado em: 21/08/2020.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 79-107.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15475

de gênero ao utilizar o *carpentum*, diante de um *status* que não tivesse antecedentes (Harvey, 2020: 121), colocando o *carpentum* como algo masculino. Contudo, o *carpentum* era algo utilizado pelas Virgens Vestais, muito feminino para um *status* especial de mulher. Esse fato não retira a característica exclusiva de Livia, somente acrescenta honrarias. Para Barrett (2002), a moeda deveria estar ligada à doença de Livia, de modo que a cena poderia estar relacionada com a procissão de súplicas, a qual o Senado deve ter decretado (Tac. *Ann.* 12. 42. 2; Barrett, 2002: 95).

Nos anos 20 d.C., ela e Júlia foram associadas ao culto de *Hestia*, a deusa grega equivalente a Vesta romana (Barrett, 2002: 144). Elementos como o cetro, a *patera*, o véu velando a cabeça, além de suas imagens sentadas, mostram uma iconografia ligada à deusa Vesta, contribuindo para a sua posição de sacerdotisa e mãe (Harvey, 2020: 184). A identificação de Livia com outras deusas continuou nas províncias, assim como sua personificação como Hera, que persistiu nas moedas de Tarsus. Em Atenas, ela ganhou um epíteto ligado ao nome de Hera, que sugere a *Providentia* romana, demonstrando que onde Livia não era identificada divinamente, ela era associada com uma deusa (Grether, 1946: 241-242).



Figura 05: Tetradracma¹⁸ de prata, de 14 - 37 d.C., 14,43 g, de Tarsus (Turquia), do governo de Tibério, com seu busto laureado voltado para a direita no anverso e legenda: ΣΕΒΑΣΤΟΥ ΤΙΒΕΡΙΟΥ ΚΑΙΣΑΡΟΣ (De Tibério César Augusto¹⁹). No reverso, está Livia, como Hera, sentada em um trono voltada para a direita, segurando espigas de milho e papoulas, com legenda: ΣΕΒΑΣΤΗΣ ΙΟΥΛΙΑΣ ΗΡΑΣ ΜΗΤΡ, transliteração: SEBASTES IOULIAS ERAS METR (Júlia Augusta, mãe Hera²⁰). © *The Trustees of the British Museum*.

Esse tetradracma mostra Tibério no lado mais importante da moeda, o anverso, com seu busto voltado à direita e laureado, demonstrando suas

¹⁸ Número de referência: 1970,0909.225. Bibliografia: RPC1 / Roman provincial coinage. Vol.1, From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC-AD 69) (4005). Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_1970-0909-225, acessado em: 17/08/2020.

¹⁹ Tradução de Juarez Oliveira.

²⁰ Tradução nossa.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 79-107.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15475

glórias. No reverso, aparece uma figura feminina secundária, com características da deusa Hera, que parece estar representando Livia. Segundo Harvey (2020), ela também parece Demeter/Ceres, pelos grãos e papoulas, símbolos ligados à fertilidade, com papéis maternos (Harvey, 2020: 137; 174). Livia foi celebrada como a “nova Hera” em Assos e Pérgamo; “nova Isis” no Egito; “nova Afrodite” em Chipre; e “nova Héstia Demeter” em Lâmpsaco (Spaeth, 1996: 169-170; Harvey, 2020: 138-139).

A moeda ilustra o poder de Tibério e uma homenagem das virtudes de sua mãe, com o intuito de demonstrar uma harmonia familiar. Livia aparece como uma matrona romana, posto que as espigas de milho que ela segura podem estar ligadas a fertilidade e abundância, muitas vezes agrícolas. Além disso, as papoulas são um símbolo relacionado à morte, comum em figuras de altares de sepultamentos, o que demonstra que ela ainda poderia estar velando a morte de seu marido, Augusto. Essa moeda de Livia associada com deusas ligadas à fertilidade pode ser comparada com outra moeda da deusa Vesta, do tempo de Calígula, a qual demonstra elementos parecidos, como sua posição sentada, o cetro, a cabeça velada e, nesse caso, em vez do ramo com grãos, está a *patra*.



Figura 06: Ás²¹ de liga de cobre, Roma, 40 - 41 d.C. Anverso: busto de Calígula, C.CAESAR.DIVI.AVG.PRON.AVG.P.M.TR.P.IIIII.P.P (*Gaius Caesar Divi Augusti Pronepos Augustus, Pontifex Maximus, Tribunicia Potestate Quarta, Pater Patriae*²² = Caio César, bisneto do divino Augusto, Sumo Pontífice, detentor do poder tribunício pela quarta

²¹ R.6458. Número no catálogo C&M: RE1 (158) (73) (158). Referências bibliográficas: RE1 / Coins of the Roman Empire in the British Museum, vol. 1: Augustus to Vitellius (73: 158), RIC1 / The Roman Imperial Coinage, vol. 1 (54: 111), NM 2003.249 (BMC 45 - 8). RIC 38. BMCRE 46. CBN 54. C 27. [Rome, AD 37 - 8].

²² *Pater Patriae*, aparece como P P nas legendas de moedas. Esse título honorável, que significa “pai da pátria,” foi conferido a Augusto em 2 a.C., e assumido pela maioria de seus sucessores, mas não todos, como o fez Tibério e outros somente o aceitaram quando já estava governando por alguns anos, como Adriano e Marco Aurélio (Saer, 2000: 73).

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 79-107.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15475

vez, pai da nação²³). Reverso: Vesta e S C (*Senatus Consultum* = cunhada com o consentimento do Senado).²⁴ © *The Trustees of the British Museum*.

O que parece é que o fato de Livia ter sido ligada a um ambiente religioso, com atributos concedidos apenas às Virgens Vestais, foi uma maneira de “institucionalizar” suas atividades e atos dentro do Estado. A associação de Livia com Vesta parece ter sido prudente, uma vez que Vesta era a deusa do lar ou da lareira em seu templo, próximo a Regia²⁵, no fórum, onde era guardado o fogo sagrado, o qual as Virgens Vestais protegiam. Segundo Barrett (2002), talvez Augusto tenha usado a associação de Livia com Vesta para reforçar a imagem de sua esposa como um símbolo de castidade e uma apropriada representante do lar, do *princeps* e da casa de uma nação (Barrett, 2002: 143). Dessa forma, a apresentação pública de Livia deveria estar ligada a uma moral feminina que se impunha a todas as partes do corpo e que exercia uma continuidade através de uma coação quanto aos trajes e aos penteados. Os princípios antagônicos da identidade masculina e feminina se inscreviam sob maneiras permanentes de se servir do corpo ou de manter uma postura (Bourdieu, 1998: 36).

Livia aparece em outras moedas com os mesmos atributos de fertilidade feminina, mas interpretada como outras deusas. Grether (1946) a correlaciona com Pax/Ceres e menciona que sua representação teria sido associada com a deidade da abundância agrícola. Moedas de Augusto, de 2 a.C. a 14 d.C., tinham em seu reverso a imagem de uma figura sentada segurando espigas de milho e um cetro, a qual continuou a aparecer em outros governos posteriores, assim como no de Tibério e no de Cláudio, quando Livia já teria sido deificada (Grether, 1946: 226–227; 238).



²³ Disponível em: <https://en.numista.com/catalogue/pieces247171.html>, acessado em: 21/07/2021.

²⁴ O culto do Estado à Vesta tinha uma associação com o imperador como *Pontifex Maximus*. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_R-6458, acessado em: 21/07/2021.

²⁵ *regina sacrorum* era a mulher do *rex sacrorum* (Boatwright, 2011: 112).

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 79-107.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15475

Figura 07: Áureo,²⁶ 14 – 37 d.C., Lugduno, do governo de Tibério, que mostra seu busto laureado voltado à direita. Legenda: TI CAESAR DIVI AVG F AVGVSTVS (*Tiberius Caesar Divi Augustus Fili Augustus* = Tibério César Augusto, filho do divino Augusto²⁷). No reverso: figura feminina que provavelmente poderia ser Livia, sentada, voltada à direita, com um ramo de planta em sua mão esquerda e um cetro na direita. Legenda: PONTIF MAXIM (*Pondifex Maximus* = Pontífice Máximo²⁸).²⁹ © *The Trustees of the British Museum*.

Nesse áureo do governo de Tibério, o imperador é homenageado como *divus*, devido ao seu precedente, pai adotivo, Augusto. No reverso, está a imagem de Livia, que lembra Pax/Ceres. Mais uma vez, ela é associada a uma deusa, com um ramo de planta em sua mão esquerda, o que pode estar relacionado a prosperidade governamental de seu filho, fertilidade e abundância agrícola, além de produtividade e sucesso na transmissão hierárquica. Mostra também uma homenagem ao governo de seu filho Tibério, o qual celebra que sua mãe foi essencial para que ele chegasse ao poder. Segundo Harvey (2020), Livia, sentada com atributo de *Pax* ou *Ceres*, com ramo de espigas de grãos, demonstra seu papel de mãe da família imperial e sua presença estável na dinastia imperial, sendo que em Lepcis Magna, Colonia Romula e Tarsus, ela foi referida diretamente como mãe (Harvey, 2020: 132; 134). Para Barrett (2002), a figura feminina sentada que aparece no governo de Tibério troca o cetro por uma lança e as espigas são grãos de trigo (Barrett, 2002: 141).

A popularidade de Livia continuou a existir depois de sua morte, em 29 d.C., aos 86 anos. Suas esculturas sobreviveram e continuaram a ser erigidas durante o governo do imperador Cláudio, de modo que muitas placas atestaram honras a ela (Harvey, 2020: 4–8). Apenas em 41 d.C., com Cláudio imperador, com o intuito de fortalecer sua conexão com a casa imperial, ele não somente empreendeu novas honras a Augusto, mas também deificou sua avó, Livia (Grether, 1946: 247-249), o que fez com que a cunhagem de moedas com a figura dela passasse a ser mais corriqueira em Roma (Harvey, 2020: 121), além de ter, dessa forma, uma garantia política a si mesmo em receber o título de *divus*. Provavelmente, foi somente depois de Livia ter sido deificada, em 42 d.C., que as moedas com

²⁶ Número de referência: 1985, 0421. 38. Referências bibliográficas: CHRB VI / Coin Hoards from Roman Britain Volume VI (38: 3), RIC1 / The Roman Imperial Coinage, vol. 1 (29: 95).

²⁷ Tradução nossa.

²⁸ Tradução nossa.

²⁹ Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_1985-0421-38, acessado em: 17/08/2020.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 79-107.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15475

sua imagem apareceram acompanhadas da legenda *diva* e o culto a ela começou a aparecer.



Figura 08: Dupôndio³⁰ datado de 41–50 d.C., do governo de Cláudio, de Roma. Anverso: busto de Augusto voltado à esquerda. Legenda: DIVVS AVGVSTVS e S C. Reverso: Livia sentada à esquerda, com uma espiga de milho na mão direita e um cetro na esquerda. Legenda: DIVA AVGVSTA.³¹ © The Trustees of the British Museum.

Nesse dupôndio do governo de Cláudio, que marca a consagração, em 41 d.C. (Barrett, 2002: 222), e consequente deificação de Livia, aparece mais uma vez a figura feminina sentada, a qual passa a ser bem identificada, seguindo o padrão ligado à figura de *Ceres* (Barrett, 2002: 141; 210) ou *Vesta*. Há uma celebração ao casal divino, pois a deificação de sua avó, Livia, garantiu o *status* de *divus* a Cláudio, demonstrando o passado de sua própria família, que o ajudou a chegar ao poder. A moeda possui a imagem de Augusto no anverso, como a figura principal, e a de Livia no reverso, como figura secundária, com uma espiga de milho na mão, significando fartura, abundância agrícola, fertilidade e outras virtudes de uma matrona romana e indicando, principalmente, a garantia de uma longevidade dinástica. Já o cetro estaria ligado ao respeito, à sabedoria e à deusa *Vesta*. De acordo com Harvey (2020), Livia está representada nessa moeda como *Ceres*/*Demeter*, aspecto que também aparece em algumas moedas do governo de Tibério, com formas semelhantes, mas com alguns atributos diferenciados, como a *patera*, o cetro e, ocasionalmente, as espigas de grãos no lugar do cetro, como também aparece em moedas do governo de Galba (Harvey, 2020: 124).

³⁰ Número de registro: R.9873. Referências bibliográficas: RE1 / Coins of the Roman Empire in the British Museum, vol. 1: Augustus to Vitellius (224; 195)
PCR / Principal coins of the Romans: Volume I: The Republic c. 290 - 31 BC; Volume II: The Principate 31 BC - AD 296; Volume III: The Dominate AD 294-498. (395)
RIC1 / The Roman Imperial Coinage, vol. 1 (101; 128).

³¹ Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_R-9873, acessado em: 17/08/2020.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 79-107.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15475

Com Galba, Livia aparece como *Diva Augusta* e foi reconhecida como uma deusa e como uma importante ancestral (Harvey, 2020: 121). Durante o governo de Tito, ela aparece como *Iustitia* e *Pietas*. Ao longo do governo de Antonino Pio, em 159 d.C. o templo de *Divus Augustus* foi reformado e recebeu uma estátua de Livia (Grether, 1946: 251; Harvey, 2020: 121).



Figura 09: Denário de prata,³² da Catalônia, província de Tarragona, cidade de Tarraco, Espanha. Anverso: busto laureado de Galba, voltado à direita, com legenda: SER GALBA IMP CAESAR AVG TR P (*Servius Galba Imperator Caesar Augustus Tribunicia Potestate* = Comandante Servo Galba César Augusto com Poder Tribunício³³); reverso: figura drapeada de Livia, voltada à esquerda, com uma *patera* na mão direita e um cetro na vertical na mão esquerda. Legenda: DIVA AVGVSTA.³⁴ © The Trustees of the British Museum.

Esse denário celebra o governo de Galba e homenageia Livia em seu anverso, como uma imagem utilizada para fortalecer o seu poder, uma vez que a sua representação aparece com uma *patera* na mão, que pode ser interpretada como um símbolo de fertilidade, abundância agrícola e de um governo próspero. Ela não está sentada, como nas figuras anteriores, mas em pé, com elementos já conhecidos. Acrescenta-se que a longevidade em se homenagear Livia estaria ligada a um respeito prolongado de sua pessoa, bem como ao resultado da expectativa de guardar a memória de uma personagem importante, o que sugere alta aceitação de sua representação tanto em períodos em que ela era viva quanto depois de sua morte.

De acordo com Harvey (2020), tanto Cláudio como Galba viam Livia como uma ancestral divina, uma vez que Cláudio a tinha como avó e Galba havia recebido favores de Livia no início de sua carreira e reivindicava ser relacionado a ela através de sua mãe adotiva, Livia Ocelina, que também dizia ser conectada a ela. Essa foi a desculpa para Galba legitimar seu

³² Número de referência do museu: 1928, 0120. 128. Referências bibliográficas: [RIC1 / The Roman Imperial Coinage, vol. 1](#) (52: 235).

³³ Tradução nossa.

³⁴ Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_1928-0120-128, acessado em: 16/08/2020.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 79-107.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15475

governo como aquele que era ligado ao primeiro *princeps*, Augusto, depois da queda de Nero, marcando o fim da dinastia Júlio-Claudiana. Entretanto, sempre pairou uma dúvida relativa à ligação de Galba com a família Júlio-Claudiana (Harvey, 2020: 124).



Figura 10: Dupôndio³⁵ de liga de cobre, de 80 – 81 d.C., do governo de Tito, de Roma. Anverso: busto de Lúvia; legenda: PIETAS. Legenda maior do reverso: S C (*Senatus Consultum*), legenda menor: IMP T CAES DIVI VESP F AVG RES[T] (*Imperator Titus Cæsar Divi Vespasiani Filius Augusti Restituit* = O comandante Tito, filho do divino Augusto Vespasiano, foi restaurado³⁶).³⁷ © The Trustees of the British Museum.

Tito deve ter tido um interesse semelhante a Galba para homenagear Lúvia na cunhagem desse dupôndio, em que ela aparece no anverso como a figura principal da moeda. Contudo, seu anverso celebra o governo de Tito e sua cunhagem é, ainda nesse período, com a marca do consentimento do Senado. A homenagem que a descreve como *pietas* pode vir de um respeito à sua *pudicitia* como matrona romana e suas virtudes.

Conclusão

Os elementos monetários romanos poderiam delimitar uma marca da relação de poder, de gênero, do sistema familiar e de seus valores, além de que eram objetos que poderiam ter sido o corolário de mudanças políticas, uma vez que estava em pauta a demanda privada e doméstica elencada para as mulheres cunhadas em moedas, diante de uma visibilidade pública ainda baseada na moralidade e nos valores próximos aos mais tradicionais.

³⁵ Número de referência: 1857,0812.19. Referências bibliográficas: RE2 / Coins of the Roman Empire in the British Museum, vol.II: Vespasian to Domitian (291; 287) RIC2.1 / The Roman Imperial Coinage, vol. 2 part 1: From AD 69 to AD 96: Vespasian to Domitian (426; 227).

³⁶ Disponível em: <https://www.biddr.com/auctions/cgb/browse?a=924&l=981372>, acessado em: 18/08/2020.

³⁷ Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_1857-0812-19, acessado em: 18/08/2020.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.2 - 2022.2. p. 79-107.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.15475

As imagens de Livia foram atribuídas às personificações de deusas, junto a símbolos representativos da fertilidade, religiosidade e *pudicitia*. A fronteira religiosa tem a capacidade de definir estritamente os padrões de homens e mulheres ligados a uma sociedade estudada, suas atividades, formas rituais e práticas devotas que convêm a cada um dos sexos (Chartier, 1995: 41).

Em decorrência dos elementos simbólicos relativos à fertilidade, demonstrados pela iconografia monetária, interpreta-se que havia uma topologia sexual do corpo socializado, sendo que o corpo feminino era aquele reconhecido por procriar. Os corpos, diante de seus deslocamentos e movimentos, são revestidos de significados sociais. As diferenças entre o corpo masculino e o feminino poderiam ter levado ao emprego de diferentes práticas e elementos metafóricos para elucidá-los, os quais foram utilizados para cada sexo e diferenciados igualmente em suas aparências, estando ligados ao *habitus* dos agentes, que funcionavam como esquemas de percepções, de pensamento e de ações. Essa experiência apreendeu o mundo social e suas divisões arbitrárias, começando pela divisão social entre homem e mulher, vistas como “naturais”, pensamento que legitimou tais separações. Em face dessa “naturalização”, a visão patriarcalista foi imposta como neutra, fazendo com que a dominação masculina fosse simbolicamente alicerçada, criando uma divisão sexual do trabalho, seus instrumentos e espaços (Bourdieu, 1998: 16–18).

A “naturalização” da subordinação feminina já recebeu várias críticas feministas, uma vez que é sustentado que a subordinação da mulher decorre das maneiras como a mulher é construída socialmente, pois se acredita na ideia subjacente de que o que é construído pode ser modificado. Desse modo, alterando as formas como elas são percebidas, seria possível mudar o espaço social por elas ocupado (Piscitelli, 2002: 10). Todavia, para demais modificações sociais, teria que ocorrer uma conscientização de tal subordinação pelas próprias mulheres. Nesse entendimento, Bourdieu (1998) comenta a respeito de tal “naturalização”, ou seja, quando essa conscientização não é recorrente, tais atuações femininas são vistas como “certas” a serem executadas em um determinado grupo social.

Outra questão que foi levantada neste trabalho elencou o local de atuação de Livia, que parece ter sido o religioso, imprescindível para o desempenho feminino. Certamente, tanto dentro da arena pública quanto da privada, as mulheres tinham limites de atuações. Nesse contexto, a interpretação dos locais de atuação pode definir e tornar tais espaços objetos de reflexão e de definição do que seria a atuação política, levando em conta que a moeda também poderia ser elencada como um espaço

público para se efetuar um discurso através de seus símbolos. Contudo, o espaço local, e em particular o modo como a arena pública e a arena privada foi delimitado, pode definir certo valor, tornando-se objetos de reflexão (Alvarez et al., 1998; Scott et al., 1997), bem como a redefinição do que é ação “política” (Goddard, 2000: 10). A “institucionalização” da mulher romana, ligada à religião, pode ter feito com que o político se camuflasse pelo religioso, abrindo espaço para a agência de Lúvia e lhe garantindo um lugar de atuação. Mesmo assim, as mulheres tenderam a não ser tão bem aceitas, mas se poderia contar com um novo estabelecimento delas entre o público e o privado, principalmente depois de Lúvia.

Entretanto, isso não significa que a dominação masculina não se encontrava em seu pleno exercício. Deve-se ter em mente que tais estruturas não eram tão fáceis de serem modificadas e que a condição dos homens era afirmada pela objetividade das estruturas sociais, produtivas e reprodutivas, que, conseqüentemente, dividiam as atividades entre homens e mulheres da elite romana, conferindo aos homens o *habitus*, moldado por condições que funcionavam como matrizes das percepções dos pensamentos e ações de todos os membros da sociedade e era algo incutido e compartilhado histórica e universalmente. Nesse sentido, a dominância masculina era investida pelo senso comum, do qual as próprias mulheres faziam parte. Mesmo nas relações de poder, elas se viram envolvidas em esquemas de pensamentos que eram produtos da incorporação dessas relações e que expressavam oposições fundantes de ordem simbólica (Bourdieu, 1998: 45). Contudo, as atuações das mulheres da elite foram ainda agenciadas de forma a estarem enraizadas em uma ordem masculina, que ao mesmo tempo era material e mental (Bourdieu, 1996: 30-31), dando a elas um caráter de uma liberdade relativa.

Provavelmente, com a atuação de Lúvia, houve uma reconceitualização indireta dos espaços, com novos limites e novas circunstâncias, em que o público teve que se reorganizar em decorrência de um privado, que antes associava as mulheres a ele. Isso posto, o que poderia ser considerado privado, em tempos de Lúvia, veio em consequência de sua agência ser pública, em um momento que parecia não ter mais uma lógica sensata guardar tais atividades ao privado. A dominação masculina se renovou de uma forma que a atuação de Lúvia, e de outras mulheres da elite, fosse parte da ordem vigente, o que não quer dizer que não houve tensões entre as partes.

A visão e o uso da divisão “público/privado” podem restringir a interpretação da sociedade estudada, de uma maneira que se fizesse

acreditar na existência apenas desses dois tipos de lugares de atuação. Essa divisão é meramente didática, como um modo de limitar o enfoque do objeto em estudo, uma vez que, provavelmente, a sociedade romana era muito mais complexa. A própria designação “público/privado” pode em si trazer um grande emaranhado de partes que se cruzam, contando com o exemplo de Lúvia, que, para atuar publicamente, teve que assumir um posto religioso, o qual permitiu que o privado (Lúvia) se entrelaçasse com o público (atividades de Lúvia). Essa divisão também pode ser atrelada às fontes documentais a que temos acesso e como elas descrevem a Antiguidade. Geralmente, as mulheres romanas são delineadas em ambientes familiares, mas também há suas exceções, formando uma oposição entre o universo público e o privado. A casa seria um local onde elas estariam inseridas na maior parte do tempo e os homens são descritos como aqueles que quase não são associados aos lugares domésticos, com uma imagem de dureza e rudeza viril (Bourdieu, 1998: 72).

Quando os espaços não são neutros e reconhecidos como tendo diferenciações de gênero, de modo que os homens são ligados à esfera pública e as mulheres à privada, a redefinição desse espaço pode ser grandiosa (Goddard, 2000: 17), o que presume que Lúvia teve que ter muita inteligência e habilidade para lidar com tais adventos, como Agripina Menor e outras mulheres que prestaram atividades nesse meio e que foram potencialmente criticadas, como Fúlvia. Os exemplos das mulheres da elite romana na vida pública podem demonstrar uma arena da perspectiva de gênero de tal época e um lugar de poder. Adiciona-se que, diante desse aspecto, a presença das mulheres em lugares públicos criava uma agência de negociação, direta ou indireta, dos limites e das maneiras com que esses lugares eram utilizados. Consequentemente, tais agências, presumivelmente, levaram a uma redefinição do significado e do valor de tais espaços que pretendiam-se manter separados, ou que eram vistos como separados, ou que vemos como se fossem separados.

Nesse ínterim, pode-se mencionar que as agências de Lúvia representaram um desafio às fronteiras entre o público e o privado e, conseqüentemente, uma reinvenção do doméstico e o reconhecimento da importância do gênero para os fenômenos culturais e políticos, de modo que as moedas exemplificam isso. Nessa perspectiva, este estudo teve o intuito de evidenciar, através das moedas e junto com as fontes textuais, as construções identitárias romanas e a importância da agência para a constituição de processos complexos de mudanças. O enfoque no gênero ajudou a preencher as lacunas conceituais entre processos de mudança, cenários públicos e a vida cotidiana de homens e mulheres (Goddard, 2000: 20), mas seria necessário um trabalho mais abrangente para estabelecer as

presenças das diferentes mulheres nesse passado, em diferentes locais e como elas eram percebidas, contando também com o mundo subalterno.

Bibliografia

Autores antigos

CASSIUS DIO. *Roman History*. Edited by E. Cary, London, G. B. Putman, 1925.

SUETONIUS. *The Twelve Caesars*. translation by Robert Graves, Penguin Books, Harmondsworth, 1957.

TACITUS, P. C. *The Annals and The Histories*. Tradução: Church, A. J. & Brodribb, W. J. Great Britain: Penguin Classics, 1952.

Documentação numismática

Coleção Numismática do *Classical Numismatic Group*, disponível em: <https://www.cngcoins.com/>, último acesso: 25/04/2022.

Coleção Numismática do *Heritage Action: the world's largest Numismatic Auctioneer*, disponível em: <https://www.ha.com/>, último acesso: 25/04/2022.

Coleção Numismática do Museu Britânico, disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection>, último acesso: 25/04/2022.

Referências bibliográficas

ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo. (eds). *Cultures of Politics of Cultures*. Re-visioning Latin American Social Movements. Boulder, Colorado: Westview Press, 1998.

BARRETT, Anthony. A. *Livia: first lady of Imperial Rome*. New Haven: Yale University Press, 2002.

BOATWRIGHT, Mary, T. Woman and gender in the forum romanum. *Transactions of the American Philological Association*, 141, 2011, p. 105-141.

BOURDIEU, P. Novas reflexões sobre a dominação masculina. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDON, V. R. (orgs.). *Gênero & Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CHARTIER, R. Diferença entre os sexos e a dominância simbólica (nota crítica). *Cadernos Pagu*, (4), 1995, p. 37-47.

CID LÓPEZ, Rosa M. La matrona y las mujeres de la Roma antigua. Um estereotipo feminino a través de las imágenes religiosas y las normas legales. In: *Mujeres em la Historia, el arte y el cine: discursos de género, variantes de contenidos y soportes: de la palabra al audiovisual*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2011, p. 55-70.

FLORY, Marleen B. The meaning of Augusta in Julio-Claudian period. *American Journal of Ancient History*, 132, 1998, p. 113-138.

GODDARD, Victoria, A. Introduction. In: GODDARD, V. A. (ed.). *Gender, agency and change: Anthropological perspectives*. Londres e Nova York: Routledge: Taylor and Francis Group, 2000.

GREYER, Gertrude. Livia and the Roman Imperial Cult. *The American Journal of Philology*, v. 67, n. 3, 1946, p. 222-252.

HALLETT, Judith P. *Fathers and daughters in Roman society: women and the elite family*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1984.

HARVEY, Tracene. *Julia Augusta: images of Rome's first empress on the coins of the Roman empire*. London; New York: Routledge; Taylor & Francis Group, 2020.

HEMELRIJK, Emily A. *Matrona docta: educated women in the Roman elite from Cornelia to Julia Domna*. London; New York: Routledge; Taylor & Francis Group, 1999.

KIMMEL, Michael S. Masculinidade como homofobia, medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. Tradução: Sandra M. Takakura. *Equatorial*. v. 3, n. 4, 2016, p. 97-124.

MARTINS, Paulo. *Imagem e poder: considerações sobre a representação de Otávio Augusto*. São Paulo: Edusp, 2011.

PERKOUNING, C. M. *Livia Drusilla-Iulia Augusta*. Vienna, 1995.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? In: Algranti, L. M. (org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. 2002, p. 7-42.

SCOTT, J. W.; KAPLAN, C.; KEATES, D. (eds). *Transitions, Environments, Translations*. Feminisms in International Politics. London and New York: Routledge, 1997.

SPAETH, Barbette S. *The Roman goddess Ceres*. Austin: University of Texas Press, 1996.

TAKÁCS, Sarolta A. *Vestal Virgins, Sibyls, and matrons: women in roman religion*. Austin: University of Texas Press, 2008.

TEMPORINI, H. *Die Fruen am Hofe Trajans. Ein Beitrag zur Stellung der Augustae im Principat*. Berlin; New York, 1978.

WOOD, Susan. E. *Memoriae Agrippinae: Agrippina the Elder in Julio-Claudian Art and Propaganda*. *AJA*, 92, 1988, p. 409-26.

_____. *Imperial women: a study in public images, 40 BC - AD 68*. Leiden, Boston, Koln: Brill's Scholars' List, 1999.

WINKLER, Lorenz. *Salus: Vom Staatskult zur politischen idee, eine, Archäologische Untersuchung*. Heidelberg: Verlag Archäologie und Geschichte, 1995.

ZAGER, Ilona. *The political role of women of the Roman elite, with particular attention to the autonomy and influence of the Julio-Claudian women (44 BCE to CE 68)*. Submitted in accordance with the requirements for the degree of Master of Arts, in the subject of Classical Studies, at the University of South Africa, Pretoria, 2014.